Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

CORPO, FANTASMA E ARTICULAÇÕES COM O TEMPO NA CLÍNICA

Luciana P. Venturini Gutierres – lvgutierres@gmail.com

Resumo: Esse artigo foi escrito para a Primeira Jornada do Dispositivo Clínico que propôs a discussão do conceito do tempo nas suas articulações com a clínica psicanalítica. Partindo da descoberta freudiana sobre a intemporalidade do inconsciente e seguindo com os avanços de Lacan sobre o conceito do Tempo Lógico, o presente trabalho procura discutir o conceito do Tempo como elemento que participa da constituição subjetiva e, portanto, pode ser um operador clínico no percurso de uma análise na direção da cura.

Palavras-chave: Constituição subjetiva; corpo; fantasma; tempo lógico.

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

BODY, PHANTASM AND ARTICULATIONS OF CLINICAL AND TIME

Luciana P. Venturini Gutierres – lvgutierres@gmail.com

Abstract: This article was written for the First Clinical Device's Conference, which proposed a discussion of the concept of time in its articulations with the psychoanalytic clinic. Based on Freud's discovery of the timelessness of the unconscious and following Lacan's advances on the concept of Logical Time, this article seeks to discuss the concept of Time as an element that participates in the subjective constitution and, therefore, can be a clinical operator in the path of an analysis towards a cure.

Keywords: Subjective constitution; body; phantasm; Logical Time.

Desde Freud e com Freud, a psicanálise desvelou a instância do inconsciente, a partir da experiência com o corpo indisciplinado das histéricas. A relação com o corpo comporta um paradoxo. A despeito das ciências que tentam buscar sua compreensão, o corpo denuncia a impossibilidade de apreensão: o corpo sonha o que não se entende, o corpo envelhece, engorda e emagrece, se afeta e adoece. Colocar a lente nessa complexidade paradoxal que é a existência do sujeito, é poder ter notícias de um sujeito que, inconscientemente, deseja. O desejo está na base do ato humano e, a princípio, isso se nos apresenta naquilo que escapa à razão, aparece no que Freud chama de formações do inconsciente - sintomas, chistes, atos falhos, nos sonhos.

No campo da Psicanálise, o corpo é uma construção, constituído e edificado pelo encontro do bebê com o Outro cuidador que vai produzindo um mapeamento erógeno sobre o orgânico do corpo, fazendo emergir um corpo pulsional, propiciando sua unificação da imagem de um corpo, inicialmente fragmentado. Essas marcas sobre o corpo produzem trauma e prazer, no caminho da constituição do sujeito.

A entrada do sujeito na linguagem fundamenta sua constituição, produzindo uma identificação simbólica primordial, marca, ao mesmo tempo, sua condição de sujeito do inconsciente. O corpo se constitui pela linguagem e é o Outro quem traduz, a partir do aparelho simbólico e seus recursos afetivos, as necessidades vitais do bebê, transformando-as em demandas endereçadas a ele, mas algo sempre ficará de fora da possibilidade de tradução. É uma alienação primordial e necessária que inaugura o sujeito, mas promove o posterior empenho na direção da possibilidade de separação. Essa construção do corpo enquanto unidade precisa, então, passar em novo momento pelo olhar do Outro sobre esse corpo, o que vai garantir uma marca de identificação, imaginária, que é essencial a essa construção, experiência em que o outro cuidador acolhe a projeção de vivências múltiplas e desconjuntadas em uma imagem unificadora. Experiência fundamental para a construção do corpo e constituição do eu.

Viver a alienação primordial ao Outro é ser banhado pela linguagem, experiência anterior ao nascimento. E é assim, banhado pela linguagem, em meio a sujeitos falantes “que o bebê vai experimentando e aprendendo a se valer do suporte físico que possui”- o corpo. (Leite; Souza Jr., p.39) Mas é importante que haja uma aposta do Outro nesse bebê, de que ele será capaz de tomar a palavra e também endereçá-la, criando um espaço de interlocução. Toda essa experiência com a linguagem, a partir do Outro, se trata da encarnação de uma língua, a língua materna, que inclui um jeito particular de dizer, um vocabulário afetivo, uma

musicalidade e gestualidades que são particulares daquela comunicação, estabelecendo uma dinâmica fluida e singular de significações, o que dá um lugar no discurso e no mundo, a esse bebê: lalíngua.

Lalíngua conecta o som ao sentido e torna a voz, vinda do Outro, um elemento essencial na constituição subjetiva e a língua falada, o seu veículo. Lalíngua engedra suas raízes no corpo e inunda o corpo do bebê com a linguagem. A língua materna será encarnada em cada ser falante de maneira singular fazendo operar a linguagem e dando pistas de uma posição que o sujeito ocupa nos primórdios de sua constituição, posição de objeto, para o Outro, que seria vivida num campo de gozo materno, um deleite nessa condição de submetimento necessário e constitucional da criança.

No texto *Das Unheimlich* (*O estranho*), de 1919, Freud já nos havia alertado sobre algo que estranhamente nos afeta enquanto sujeitos, algo assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. O duplo, como o reflexo no espelho, seria uma segurança contra a destruição, contra a extinção e a inexistência, remetendo à fase do narcisismo primário, momento em que esse duplo é amistoso e necessário ao desenvolvimento narcísico inicial. Ao avançar a etapa do narcisismo primário, o fenômeno do duplo ganharia novos significados em estádios posteriores, formando uma atividade especial com a função de observar e criticar o eu. Nesse momento, Freud considera que o estranho só pode advir do fato de o duplo ser uma criação que data de um estado mental muito primitivo, mas posteriormente, converteu-se em um objeto de estranheza diante daquilo que se repete na vida do sujeito. Freud faz toda uma elaboração teórica importante para abordar o estranhamento diante da ameaça do retorno do recalcado que permanece sob a forma do sintoma ou formações discursivas do inconsciente. Mas, não deixa de dizer o quanto esse conceito e a experiência do duplo foram essenciais na constituição primordial do sujeito.

Se nesse tempo primordial da constituição subjetiva, a criança fica submetida aos cuidados do agente materno, é esse agente que media e regula as experiências do corpo da criança articulados com sua fala e marca esse corpo, enquanto fala encarnada, há aí o peso do gozo materno nos excessos inevitáveis do processo de libidinização e erogeneização desse corpo. Em momento posterior, a criança viverá, em sua experiência, o atravessamento edípico, que terá como efeito uma regulação do sujeito com seu desejo, a depender de como essa experiência opere ou não para cada sujeito na singularidade de sua história.

Mendes Dias (2001) nos relembra, eu seu texto, **A transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e seu manejo,** que Lacan aponta alguns avanços sobre o inconsciente freudiano: é um conceito forjado sobre o rastro do que opera para constituir o sujeito e também é o que dizemos. O inconsciente é, na condição de sua estruturação como linguagem. O sujeito do inconsciente não é por inteiro, é dividido e causado pelo significante;

ele se apreende nesse advento a partir do Outro referido ao segundo significante, sinal de que a sincronia significante introduz uma "primordial pulsação temporal", que pulsa quando passa de um primeiro a outro significante.

Esse avanço sobre o inconsciente freudiano, então, aponta para além da angústia de castração que Freud considerava um ponto final na direção da cura. A partir do seminário IX, Lacan vai começando a formalizar, com a ajuda da topologia, alguns conceitos fundamentais que sustentam esse avanço que faz para pensar num campo que diz do inapreensível e não visível. No seminário X, ao aprofundar o conceito de angústia, ele segue formulando esses conceitos, deixando um pouco mais claro as noções de objeto **a**, de fantasma e (-φ), por exemplo, dos quais é possível se ter uma pista através do afeto da angústia. Segundo Soler (2006-07), **a** escreve uma falta, um resto de libido, uma reserva não traduzível, assim como (-φ) que escreve a castração imaginária, designa parte da libido que resta e não aparece na imagem. E, para haver desejo, é preciso que haja um empuxo que não seja redutível à demanda:

> "Os dois se situam no nível da função do desejo, que não é apenas – insisto sempre, chegando até a ser enfadonha essa repetição, imagino – uma função de falta, mas é algo que tem uma substância ... A substância do desejo, isso que sobra do vivaz, é o rebento 'vivaz'. Portanto, nem (-φ) nem **a** são da ordem do visível" (SOLER, 2006-07, p. 41)

Assim, ao pensar sobre a pregnância das marcas primordiais da relação com o Outro materno na sua constituição subjetiva, que inclui a construção do corpo, atravessada pela operação da castração, recortando aqui o campo da neurose, poder-se-ia dizer que tais marcas podem ser recolhidas na clínica e, no caso da neurose, via essa mediatização operada pela castração? O que se repete ao longo do tempo, em uma insistência significante, parece dar pistas de um lugar na fantasia do sujeito. Mas, há ainda, aquilo que é da ordem do inapreensível, a substância do desejo, constituída por esse resto de reserva libidinal, aquilo que não aparece na imagem, da qual participa o corpo.

Esses elementos contribuem com a formulação que Lacan faz ainda no seminário IX, do conceito de fantasma ($ <> **a**) indicando que a fantasia é o lugar onde o sujeito se apreende no campo do Outro, lugar que está articulado com um ponto no grafo do desejo onde se localiza a questão "Che vuoi?", mas para que isso opere é preciso que alguém tenha tomado, para o sujeito, esse lugar do Outro, como mestre e garantidor. O autor também nos indica que o fantasma tem função homóloga a i(a)/eu ideal, o eu imaginário sobre o qual o sujeito repousa para poder avançar e se desenlaçar.

Considerando todos esses conceitos que participam da constituição do sujeito com o suporte físico que possui, apreendê-los e perseguir seus rastros no trabalho da clínica cotidiana seria o caminho possível de trabalho para operar a clínica na direção da cura, segundo Lacan. Mas, como operar na direção desses rastros e quais são as suas articulações com o tempo?

Relembro que Mendes Dias (2001) nos aponta que a sincronia significante introduz uma "primordial pulsação temporal", que pulsa quando passa de um primeiro a outro significante. Assim, o significante introduz o tempo como descontinuidade na cadeia.

Freud já anunciara, em sua obra, a intemporalidade do inconsciente. Mas Lacan (1901-1981), em seu texto **O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma** traz uma perspectiva do tempo articulado a uma lógica que se atenta às descontinuidades na cadeia, aos intervalos entre os significantes, àquilo que pulsa de um significante a outro, onde estão as pistas do sujeito do desejo. No texto ele sugere um movimento lógico do sujeito que considera três momentos – instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir - que contribuem para um avanço na direção de um saber sobre si considerando o que não se sabe e não vê sobre si mesmo, mas avanço que só é possível porque integra duas moções suspensas nesse movimento. As moções são como hesitações, uma menor disparidade em relação ao outro que tem um efeito sobre o sujeito de pensar sobre si. Dessa forma, esse avanço do sujeito sozinho, só pode acontecer através dos outros. Diz Lacan:

> "Basta fazer aparecer no termo lógico dos *outros* a menor disparidade para que se evidencie o quanto a verdade depende, para todos, do rigor de cada um, e até mesmo que a verdade sendo atingida apenas por uns, pode gerar, senão confirmar, o erro nos outros. E também que se, nessa corrida para a verdade, é apenas sozinho, não sendo todos, que se atinge o verdadeiro, ninguém o atinge, no entanto, a não ser através dos outros." (LACAN, 1901-81, p. 211-12)

Fingerman (2009) traz suas contribuições sobre o tempo na experiência de uma análise dizendo que, para a Psicanálise, a experiência do tempo vai na contramão da experiência do tempo que passa, tempo cronológico. Há um intervalo entre o que já se passou (passado) e o que pode ser (futuro) e que diz do instante que é (presente), sempre fugidio e inapreensível. Clarice Lispector (1920-1977), em alguns trechos de sua obra **Água viva**, parece traduzir bem esse ideia do instante com suas palavras. Diz ela:

> "Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca

> minimamente o chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado." (LISPECTOR, 1920-77, p.13)

Assim, podemos dizer que, para a Psicanálise, o tempo diz da temporalidade do sujeito do inconsciente e é o ato analítico que vai poder operar sobre esse tempo, onde aparece a repetição, o ato do analista pode produzir escansão de pura alteridade com efeito de descontinuidade e suspensão de sentido da neurose. O ato analítico, seja ele qual for, pode produzir essa descontinuidade, efeito de corte na discursividade contínua, criando novos efeitos de sentido, seguido de novos cortes e, por sua vez, outros efeitos de sentido na direção de um esvaziamento imaginário e das identificações. Ele vai, então, poder operar na temporalidade do inconsciente, produzindo escansões, operando no tempo entre um significante e outro, produzindo o instante de abertura, instante-tempo-presente.

O analista como aquele que suporta o lugar de semblante do Outro vai poder produzir escansões no discurso para que o sujeito possa ir na direção de se separar de uma condição de objeto desse Outro, significante-lugar no qual se constituiu. Se descolar de uma narrativa imaginária que tem relação com o conceito de fantasma trazido por Lacan. Aulagnier (1990) retomou a discussão de Freud sobre as construções em análise. Ela faz uma leitura rigorosa do texto freudiano para pensar o trabalho do analista como aquele que pode conduzir o trabalho para que o analisando encontre sua verdade como efeito do processo analítico. Ela procura elucidar as diferenças entre a interpretação e a construção como dispositivos na condução do trabalho de análise que terá efeitos na estrutura fantasística do sujeito – aquela que pretende que o destino da pulsão seja buscar eterna satisfação no encontro a um interdito imutável. A interpretação vai elucidando as leis que regem os processos primário e secundário, as formações do insconsciente, o que vai tornando as construções em análise possíveis na direção da decifração da estrutura. A construção faz reencontrar esse fragmento de verdade que pertence à história do conflito pulsional.

Ao discutir esses operadores do processo analítico, a autora (1990) discute algumas questões importantes sobre a técnica a partir da perspectiva da temporalidade. Diz a autora que a chave para a construção da transferência está fundamentada na aposta de uma hipótese fundamental – a existência do inconsciente. O analista que oferece sua escuta precisa estar advertido da importância do tempo necessário para que o sujeito possa, a partir de uma série associativa, reconstruir uma história e uma temporalidade que remetem a uma primeira série de significações e interpretações nas quais ele acreditou encontrar a razão dos afetos que experimentou e que corresponde ao lugar que ocupa no discurso.

A transferência, então, como um movimento pode dar pistas da estrutura do sujeito e a presença do analista representa a garantia da existência de um saber (não todo) sobre o seu desejo. Transferência e escuta vão possibilitar ao sujeito que se desvele, a partir da série associativa, esse lugar que ocupa e que o faz falar e as interpretações podem revelar a razão oculta desse traçado percorrido, que inclui uma temporalidade, na experiência de análise.

Considerando o fio teórico que conduziu essa escrita, articulado aos efeitos da experiência na clínica, entende-se que o momento de concluir deve seguir na direção contrária a uma continuidade com a suposição feita a respeito do desejo do Outro, sustentando uma descontinuidade como conclusão. Talvez se aproximando de um lugar onde o saber falta, para o sujeito e para o Outro. É preciso tempo. Mas, tempo é instante? Instante de articulação entre conclusão e invenção? Esse instante-já de abertura a uma nova posição, a novas formas de satisfações pulsionais?

Por fim, Aulagnier (1990) nos alerta para uma questão importante do lado dos analistas. Diz ela que, se com Freud podemos dizer que a teoria das pulsões representa nossa mitologia, encontra-se aí uma fascinação que o desvelamento da origem exerce. Assim, é preciso cuidado para que o analista não permaneça em posição de espera para que o analisando responda à sua ambição de um discurso teórico. Importante sustentar um não saber para que o processo avance na direção da verdade do analisando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, P. (1990) **Um intérprete em busca de sentido I.** São Paulo: Escuta Ltda., 1990.

DIAS, M. M. (1995). A transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e seu manejo. In: **Ideias de Lacan**. Editora Iluminuras Ltda, 1995, p. 81-89.

FINGERMAN, D. (2008). O "tempo" de uma análise. In: Internacional dos Fóruns escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. **Heteridade 7, Os tempos do sujeito do inconsciente A psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise.** São Paulo, 2008, vol. 7, p. 10-13.

FREUD. S. (1893-95) Estudos sobre a histeria. In: **Sigmund Freud Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. II, 1987.

FREUD, S. (1919) O estranho. In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, vol. XVII. p. 273-318.

LACAN, J. (1901-1981). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: **Escritos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 197-213.

LACAN, J. (1961-1962) **A identificação: seminário 1961-1962.** Trad. Ivan Correa e Marcos Bagno. Recife: Centro de estudos Freudianos de Recife, 2003.

LACAN, J. (1962-1963) **O seminário, livro 10: a angústia.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LEITE, N.V.A.; SOUZA Jr., P.S. Corpo e língua materna. *In:* GARRAFA,T.; IACONELLI, V. TEPERMAN, D. (Org.). **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 39-51, p. 39.

LISPECTOR, C. (1920-1977) **Água Viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

SOLER,C. (2006-2007) **Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: seminário A angústia.** São Paulo: Editora Escuta, 2012.